

O RETRATO DE UMA SOCIEDADE DISJUNTIVA EM *CAMINHOS CRUZADOS*, DE ERICO VERISSIMO

Jaqueline Borges de Queiroz²⁰⁴

Resumo: *Caminhos Cruzados*, escrito na efervescência do debate sobre engajamento literário na década de 30, insere-se na ficção social do período ao trazer o retrato de uma sociedade brasileira na qual as diferentes classes sociais se relacionam, mas sem transpor os abismos que as separam – ou seja, uma sociedade disjuntiva. A própria estrutura do livro, através da “técnica do contraponto”, contribui para que os personagens se cruzem e realidades distintas convivam sem que as diferenças entre elas se apaguem. Além de abordar tais aspectos, este artigo busca evidenciar que, para além dos desníveis causados por desigualdades econômicas, o romance de Erico Verissimo também aborda a falta de coesão dentro das próprias classes sociais e famílias que retrata. Através da análise de alguns personagens, é possível perceber que tal disjunção é motivada por fatores como: adesão à modernidade, uma vez que membros de uma família de novos-ricos divergem sobre aderir ou não a hábitos americanos e europeus; letramento, pois há nas classes altas e baixas tanto personagens eruditos como menos letrados; e, por fim, capacidade de perceber o outro, já que os intelectuais – de ambas as classes – possuem percepções diferentes daqueles que são da sua ou de outra classe social.

Palavras-chave: Erico Verissimo. *Caminhos Cruzados*. Romance de 30. Disjunção.

Abstract: *Caminhos Cruzados*, written in the effervescence of the debate on engagement literature in the 30's, became inserted in the social fiction of the period bringing the representation of a Brazilian society in which different social classes get involved without overstepping the abyss that keep them apart – that is, a disjunctive society. The structure of the book itself, through the “counterpoint technique” allows characters to cross and distinguish realities in order to coexist without effacing the differences between them. Beyond the treatment of these aspects, this article aims to substantiate that on the side of the unevenness effect of the economic social inequality, Erico Verissimo's novel broaches the lack of cohesion among the social classes and the families it depicts. Through the analysis of some characters it is possible to perceive that such disjunction is motivated by factors like: adhesion to modernity, since members of a nouveau-rich family disagree on being or not part of American and European wants; literacy, because there are savant and illiterate characters in both classes. Finally, the capacity to perceive the other, inasmuch the intellectuals – in both social classes – has different perceptions of people who belong to theirs or other social classes.

Key-words: Erico Verissimo. *Caminhos Cruzados*. Novel of the 30's. Disjunction

A década de 30 foi marcada, no Brasil, por movimentos culturais, ideológicos e sociais que estavam intimamente ligados, como Candido (1989) demonstrou em seu já clássico ensaio “A revolução de 1930 e a cultura”. É nesse cenário, no qual o engajamento

²⁰⁴ Mestranda em Teoria e História Literária, Unicamp, jaquelineb820@gmail.com.

literário torna-se quase obrigatório e o romance social ganha destaque, que surge *Caminhos Cruzados*, de Erico Verissimo. O romance do escritor gaúcho, de forma diferente dos chamados romances proletários do período, não faz do pobre protagonista, mas o coloca lado a lado dos ricos, fazendo, assim, sua denúncia social através desse contraste. Erico Verissimo, criticado por sua não adesão a movimentos ideológicos em um momento de forte polarização política, mais tarde diria que o livro foi seu protesto “ante as desigualdades, injustiças e absurdos da sociedade burguesa” (VERISSIMO, [1964] 2016, p. 19).

Caminhos Cruzados, então, insere-se na ficção social do período e, de forma clara, traz em seu projeto o retrato de uma sociedade brasileira disjuntiva, na qual diferentes classes sociais convivem, mas sem transpor os abismos que as separam. Mesmo quando os caminhos se cruzam, como o título sugere, as diferenças econômicas e de status ainda ocupam lugar importante nas relações entre os personagens. Ademais, a falta de coesão social não é apontada apenas através das desigualdades econômicas: o livro de Erico Verissimo demonstra que nem mesmo dentro de determinada classe ou família específica há lugar para uma falsa ideia de unidade.

Difícil falar desses aspectos, contudo, sem antes destacar a contribuição da própria estrutura do livro para essas representações. Dividido em cinco partes (Sábado, Domingo, Segunda-Feira, Terça-Feira, Quarta-Feira), *Caminhos Cruzados* contém curtos capítulos nos quais as rotinas de diversos personagens são narradas. Não há protagonistas, e as diferentes histórias coincidem na medida em que os capítulos se alternam ou os personagens se cruzam devido a relações afetivas, trabalhistas, sociais. A disjunção, então, também é colocada na própria forma do livro, através da chamada *técnica do contraponto*. Conforme explica Maria da Glória Bordini (2015, p. 95),

O contraponto, processo extraído da música (levado ao cume de sua eficiência formal por Bach), permite por em cena diversas biografias, com realce seja sobre suas ações seja sobre seu psiquismo, ou ambos, acompanhando-as em seu desenvolvimento, mas de modo interrompido e inconstante, com ênfases e declínios de atenção do narrador ou narradores, que aí tomam ares do *flâneur* baudelairiano, captando modos de ser dos cidadãos urbanos, mais por traços e impressões, sem derivar para análises sociopsicológicas profundas.

Erico Verissimo optou por retratar a Porto Alegre da época desse “modo interrompido e inconstante”, como mesmo confessou, sob influência do *Point Counter*

Point, de Aldous Huxley, o qual havia traduzido para o português pouco tempo antes de escrever *Caminhos Cruzados*. No entanto, enquanto Huxley utilizou a técnica do contraponto para contar histórias de personagens ingleses que pertencem a um meio social privilegiado, Verissimo, nas palavras de Antonio Candido, a “democratizou” ao incorporar o pobre e o rico em seu romance, o qual ajustou, assim, ao “espírito de Trinta” (CANDIDO, [1972] 1978, p. 44). A estrutura da obra, então, não põe em evidência apenas uma diversidade de histórias, mas também os abismos entre as classes sociais, tema recorrente e quase inescapável aos escritores brasileiros da época.

Caminhos Cruzados coloca em cena, especificamente, uma vasta gama de personagens representativos de tipos sociais. Há no romance algumas famílias ricas, como os Leitão Leiria, os Madeira e os Pedrosa, e, ao mesmo tempo, outras em condições de pobreza ou miséria, como as famílias da viúva Eudóxia, do desempregado João Benévolo e do tuberculoso Maximiliano. Também ganham destaque alguns personagens que não pertencem a nenhuma das famílias, mas que da mesma forma estão bem situados em extratos sociais opostos: o advogado Armênio Albuquerque, o burguês mimado Salustiano Rosa, o professor Clarimundo Roxo, a prostituta Cacilda. Os capítulos do livro alternam cenas em que esses personagens estão lidando com seus problemas diários, o que nos faz perceber o grande contraste entre as rotinas, preocupações e perspectivas de futuro deles. Assim, enquanto a rica Dodó Leiria ocupa-se em responder da melhor forma possível uma entrevista na qual será mais uma vez apontada como dama exemplar e caridosa, na casa de João Benévolo a família sofre a ameaça da fome, oposição bem marcada através do verbo pensar na frase de encerramento dos dois capítulos sequenciais em que essas situações são narradas: o capítulo 57 se encerra com a angústia de Laurentina, esposa de João Benévolo: “Laurentina pensa no dinheiro que Ponciano lhes emprestou. Hoje se vão os últimos cinco mil-réis. E amanhã, que será deles?” (VERISSIMO, 2016, p. 246). Já no 58, sabemos o que ocupa a mente da esposa de Leitão Leiria: “D. Dodó levanta-se pensando no questionário da *Gazeta*” (VERISSIMO, 2016, p. 248).

Dessa forma, o romance evidencia um cenário urbano em que diferenças econômicas abissais convivem e a diversidade é parte constitutiva do social. Tal disjunção é representada com o auxílio da técnica do contraponto, e também com o recorte temporal adotado por Erico Verissimo. De acordo com Bueno (2006, p. 383),

Caminhos Cruzados pôde ser lido como uma tentativa de, partindo de Porto Alegre, construir uma representação ficcional bastante ampla da sociedade brasileira que incluísse o miserável, o pobre, o

remediado, o intelectual, o novo-rico, e o grande capitalista num mesmo espaço literário. (...) No romance de Érico Veríssimo é a concentração temporal em cinco dias que reforça o sentido de simultaneidade do relato e, portanto, enfatiza sua intenção de figurar, numa única obra, o mesmo e o outro: a diversidade, enfim.

Além desse recorte temporal permitir, como o crítico destaca, que diferentes tipos sociais vivenciem seus dramas simultaneamente, o fato da narrativa se iniciar em um sábado e se encerrar, da mesma forma que começou, em uma quarta-feira, sem que nenhuma grande mudança tenha ocorrido na vida dos personagens²⁰⁵, parece reforçar a ideia de que essa disjunção é característica do Brasil e não há grandes perspectivas de que uma mudança ocorra. Afinal, a impressão, ao fim da leitura de *Caminhos Cruzados*, é a de que a rotina seguirá da mesma forma que transcorreu nos cinco dias e os personagens permanecerão ocupando as posições que a eles foi reservada pelo destino.

Para Bueno (2006, p. 388), no entanto, há um fator que atrapalha o caráter de simultaneidade da obra:

Esse corte temporal só não fica perfeitamente traçado por causa da verdadeira obsessão do narrador pelo passado das personagens. O primeiro dia, ao contrário do último, tem longos capítulos, em que o passado avulta. A mãe de Chinita, por exemplo, parece mesmo que terá destaque grande na trama, já que sabemos tudo o que aconteceu com ela. (...) Esta presença do passado sim, pode ser considerada uma perturbação ao projeto geral de *Caminhos Cruzados* e é a responsável pelo andamento lento da primeira parte do livro, quando comparado à agilidade do efeito de simultaneidade que se encontra ao final.

Realmente, em termos formais é perceptível que há uma mudança de ritmo no decorrer da narrativa e, ao final da última parte, o que se tem são capítulos curtíssimos em que as histórias se alternam de maneira bem mais rápida e, assim, são mais passíveis de serem contrastadas e parecerem simultâneas. Se olharmos, porém, para um aspecto menos evidente no romance, isto é, a disjunção dentro das próprias classes e famílias, compreenderemos que essa volta ao passado dos personagens é importante para o projeto do livro.

²⁰⁵ Noel é um dos poucos personagens que dá alguns passos tímidos em direção a uma mudança, mas seu estranhamento em relação ao outro – abordado mais ao final do artigo – o impede de se inserir completamente em uma realidade como a de Fernanda, por mais que ele deseje ficar com a amiga. Esse tema retornará com a abordagem da vida de casados desses dois personagens em *Um lugar ao Sol* (1936) e *Saga* (1940).

Tomemos o caso citado por Bueno da mãe de Chinita, que aparece do capítulo quatro ao seis do primeiro dia, ou seja, realmente tem grande destaque no início do livro. D. Maria Luísa é esposa do coronel Zé Maria Pedrosa, um novo-rico que escapou da pobreza graças a um dinheiro que ganhou na loteria. Junto com os filhos, Manuel e Chinita, o casal sai de uma cidadezinha no interior de Porto Alegre e vai para a capital desfrutar a recém-adquirida fortuna. Mas, enquanto Zé Maria e os filhos estão mais do que satisfeitos com a nova vida, D. Maria Luísa permanece imersa na tristeza, gastando boa parte da sua energia em preocupações com os gastos exorbitantes da família e comparações com a vida de antes:

D. Maria Luísa, mulher de Zé Maria Pedrosa, não se habituou ainda ao palacete. Parece que está em casa estranha. (...) Para que tudo isso? E o banheiro? Ladrilhos coloridos, pias verdes, torneiras niqueladas, bugigangas que a gente nem sabe para que são. Só o relógio custou uma fortuna. No entanto – pensa d. Maria Luísa com dor no coração – não anda melhor nem mais certo do que o velho relógio que batia, humilde, na sua salinha de jantar da casa de Jacarecanga. Quando se lembra de sua terra, d. Maria Luísa tem vontade de chorar. Já lá vão dois anos! (VERISSIMO, 2016, p. 156).

Para Bueno (2006, p. 389), o desenvolvimento da história da família serviria para explicar a marginalidade da personagem dentro da própria casa. Importa saber, então, o que a prende ao seu passado e, para isso, vale a pena trazer um trecho do capítulo que descreve a rotina da família na cidade onde viviam:

Em Jacarecanga a vida da família Pedrosa era quase patriarcal. Moravam numa casa modesta de porta e quatro janelas. Tinham um jardim com flores, um quintal com laranjeiras e pessegueiros: na horta, d. Maria Luísa cuidava com carinho das couves e dos repolhos (...).

Zé Maria trabalhava de dia, voltava às oito, lavava os pés e depois jantava em mangas de camisa. De noite Chinita ia ao cinema com as filhas do coletor. Manuel ia jogar bilhar no café (VERISSIMO, 2016, p. 49).

O saudosismo de D. Maria Luísa, que anda deprimida pelos cantos da imensa casa construída pelo marido, tem uma forte ligação, na verdade, com o desejo de preservar uma tradição interiorana que contrasta com a modernidade buscada nos grandes centros urbanos. A história da família Pedrosa precisa ser contada, então, porque é a partir do passado que percebemos uma forte disjunção entre seus membros, a qual se dá, principalmente, através da oposição tradição *versus* modernidade. Ora, Chinita, filha de

D. Maria Luísa, desde quando estava em Jacarecanga desejava adentrar outro ambiente, “mais moderno, mais fino” (VERISSIMO, 2016, p. 45). O dinheiro e a ida à cidade permitem a concretização de um sonho: se vestir e agir como uma estrela de Hollywood. Com base no que vê no cinema mudo, a moça ajuda o pai a projetar a casa moderna que tanto incomoda D. Maria Luísa, além de mudar seu comportamento e linguagem: faz questão de pronunciar *hall* com h aspirado e tomar o *breakfast* no quarto.

Oliven (2001, p. 3), ao falar sobre a discussão da modernidade no Brasil, explicou que o tema tem ocupado a intelectualidade brasileira em diferentes épocas: “trata-se de saber como estão os brasileiros em relação ao ‘mundo adiantado’: primeiro a Europa e, mais tarde, os Estados Unidos”. Ainda de acordo com o autor, há oscilações entre aqueles que a veem como algo que veio de fora e deve ser admirado e incorporado, e aqueles que a veem com cautela (OLIVEN, 2001, p. 3).

Em *Caminhos Cruzados*, o problema da disjunção não se resolve apenas com a ascensão econômica. Claro que D. Maria Luísa não estava satisfeita com a pobreza, afinal de contas, com o dinheiro contado, a cada pagamento “tinha a impressão de que lhe arrancavam do corpo uma nesga de carne” (VERISSIMO, 2016, p. 50). Mas ela soube, desde o momento em que o marido ganhou na loteria, que a fortuna traria mudanças em sua vida – mudanças essas que, para ela, não seriam tão positivas, pois a fariam abandonar suas origens. A ideia de que a vida tradicional no interior é melhor do que na cidade persiste em D. Maria Luísa e é reiterada a todo o momento em sua recusa em aderir, como o restante da família, a uma vida moderna. De fato, a ida a capital representa um grande afastamento de alguns dos valores, inclusive morais, que os Pedrosas conservavam: a união da família se desfaz; Manuel, o filho, passa dias sem aparecer em casa; o coronel Zé Pedrosa adere à moda da cidade e arranja uma amante francesa; e Chinita, por sua vez, não é mais aquela moça comportada que saía de casa apenas para ir ao cinema com as filhas do coletor.

Nesse sentido, Jacarecanga, ainda que apenas citada no romance, representa a tradição gaúcha “quase patriarcal” que se opõe à das grandes cidades, as quais, no ritmo da modernização, sofrem influências de fora. Trata-se de uma cidadezinha interiorana que, como Bordini (2015, p. 100) pontuou, serve para mostrar a degradação da sociedade rural. Não à toa, irá aparecer em outras obras do autor, como *Clarissa*, romance no qual, mais uma vez, o passado compromete a progressão textual segundo Bueno (2006, p. 391):

A concentração no presente – a ação do romance se passa no decorrer de um ano letivo – é menos perturbada pelo passado do que em *Caminhos Cruzados*, mas não está de todo ausente. A cidade do interior onde vivem os pais de Clarissa, e onde ela tem suas raízes, são fantasmagoria constante que invade esse presente intenso, ancorando-o numa experiência familiar e histórica mais longa. Acima de tudo, esses dois primeiros romances vão constituir, juntos, uma espécie de base sobre a qual vão desenvolver todos os romances seguintes de Érico Veríssimo.

De fato, os outros romances do autor se assemelham a *Caminhos Cruzados* e *Clarissa* em alguns aspectos, e um deles é justamente essa espécie de embate entre a tradição rural gaúcha e as mudanças decorrentes da urbanização. Em *Um lugar ao sol* e na saga *O tempo e o vento* essa é uma questão incontornável. Por isso que, para Chaves (2001, p. 19), o regionalismo de Erico Verissimo “pouco tem a ver com a abordagem nordestina de Lins do Rego e Jorge Amado, mas encontra antecedentes concretos no passado cultural da sua província”. Daí a aparição de Jacarecanga, através do recurso da memória, até mesmo em romances em que a cidade grande é o cenário e a ação se concentra no presente.

Para Moacyr Scliar, os personagens de *Caminhos Cruzados* são como um “microcosmo” da sociedade porto-alegrense da época, “uma sociedade ainda provinciana, em que a pequena burguesia urbana representa papel importante, mas na qual as raízes gaúchas estão muito presentes” (SCLIAR, 2016, p. 14). Dentro do romance, é a família de Zé Pedrosa que mantém laços mais fortes com a tradição interiorana, seja para negá-la ou exaltá-la, afinal, deixaram há pouco tempo a cidadezinha de Jacarecanga. Chinita e o pai desejam ardentemente fazer parte da alta sociedade a qual Leitão Leria, o *businessman* que joga golfe como um verdadeiro anglo-saxônico, frequenta. Mas na verdade não podem: mesmo que não saibam, são aceitos apenas aparentemente. A disjunção, então, se coloca dentro da mesma classe – mesmo que Zé Pedrosa seja tão rico quanto, ou até mais, que Leitão Leria, sua família não tem “sangue azul” –, dentro da mesma família, pois D. Maria Luísa não adere à modernidade; e, em última instância, no interior dos próprios personagens, como é demonstrado através de Chinita após um acontecimento crucial em sua vida:

Mas num momento a provinciana que há dentro dela desperta e toma o lugar da menina que se traveste de estrela de Hollywood. E então todas as coisas lhe aparecem com a sua realidade indisfarçável. Ela perdeu a virgindade. Não é mais moça, como se diz lá fora, mas uma

mulher à toa como aquelas muito pintadas e espalhafatosas que moram nos casebres do Barro Vermelho (VERISSIMO, 2016, p. 255).

Os longos trechos em que o passado da família de D. Maria Luísa é contado, assim, por mais que prejudiquem um pouco a rapidez conferida à narrativa pela simultaneidade, são a base para que se entenda a disjunção dentro de uma mesma família. E não é apenas no caso desses personagens que o passado tem uma função importante em *Caminhos Cruzados*. No segundo capítulo da primeira parte, há também uma longa digressão para conhecermos a infância de Noel, filho do comerciante Honorato Madeira. Criado sob os cuidados excessivos de sua babá negra, a “tia” Angélica, o rapaz cresceu distante dos pais e da própria realidade. Por isso, vive imerso na música, nos livros e na lembrança de uma época em que se deleitava com contos de fadas. Seu contato com a mãe, Virgínia – uma típica quarentona deprimida pela chegada da maturidade –, e com o pai, Honorato, é quase escasso. Praticamente não há comunicação entre os membros da família e, quando há, ela serve apenas para evidenciar como é difícil uma conciliação entre suas formas de pensar.

Na verdade, é apenas com Fernanda, amiga de infância, que Noel consegue conversar. Não à toa: ela, além de compreender sua sensibilidade, também foi figura importante em seu passado. Além disso, Fernanda, apesar de estar no núcleo dos personagens pobres, representa um ponto fora da curva, pois conseguiu o diploma de professora e praticamente o mesmo grau de instrução de um burguês como Noel. Mas ela, diferentemente do amigo, consegue enxergar claramente o mundo a sua volta, e, apesar de amar a literatura, não usa os livros para escapar da realidade como o amigo faz. Por isso, será a pessoa responsável por tentar mostrar a Noel as grandes disparidades sociais que o rapaz não quer enxergar. Como o filho de Virgínia deseja escrever um livro, mas não consegue porque seu passado interfere de forma insistente no enredo – sempre o que vai para o papel é “um conto de fadas de outro conto de fadas” (VERISSIMO, 2016, p. 173) –, Fernanda irá incentivá-lo a escrever uma história inspirada em João Benévolo, seu vizinho desempregado.

No entanto, por mais que Noel tente enxergar *o outro*, de uma camada social diferente, a dificuldade é imensa. O aspirante a escritor representa, dentro do romance de Erico Verissimo, um problema para o qual Bueno (2006, p. 23) chamou a atenção: na década de 30, a entrada do pobre e de outras minorias como protagonistas das histórias

colocou para o intelectual da classe média a difícil tarefa de ter que lidar com o outro. Daí a importância de um personagem como Noel, segundo o historiador literário, para o contexto da época, já que este “personaliza a necessidade de o intelectual apelar-se das altas idealidades estéticas e meter-se com a vida” (BUENO, 2006, p. 388).

A grande questão, porém, é que Noel está muito afastado do outro. Nem sequer conhece João Benévolo, a não ser pelo relato de Fernanda. E a distância não é apenas em termos físicos: se ele ignora as mazelas da pobreza, é porque não enxerga nem mesmo as dificuldades da amiga, que, afinal, é pobre. De fato, as conversas que os dois travam sempre estão focadas em Noel: suas fantasias, seu desejo de escrever um romance, sua relação com a família, seus livros preferidos. Em certo momento, quando Fernanda conta ao filho de Honorato as desgraças de seus vizinhos, o tuberculoso Maximiliano e o desempregado João Benévolo, o máximo que consegue despertar em Noel é incômodo e náusea. O rapaz se sente confortável apenas quando ela muda de assunto:

- Como vão os discos?

Noel sorri, seu rosto como que se enche duma claridade maior. Agora ela entra francamente nos seus domínios, não é mais a Fernanda preocupada com as desgraças do próximo, a Fernanda das coisas práticas (VERISSIMO, 2016, p. 174).

Noel não conseguiu perceber, inclusive, que a relação entre ele e sua tão querida tia Angélica tinha resquícios de um passado colonial no qual a escrava da casa grande dava toda a assistência ao “senhorzinho” para que a “sinhá” não precisasse se preocupar. Inevitavelmente, a disjunção na qual está imerso, mas sobre a qual não quer tomar conhecimento, será um problema para Noel quando o aspirante a escritor tentar representar o outro.

Já o outro intelectual do romance, o professor Clarimundo Roxo, nem sequer fará essa tentativa. Ele também deseja escrever um livro, mas seu romance não abordará o cotidiano “monótono” da vida dos habitantes da rua em que vive. Para o professor, no dia a dia dos vizinhos falta “os dramas de que falam os romancistas”. Por isso, criará um personagem capaz de enxergar coisas realmente interessantes, conforme explica no prefácio de sua obra:

Foi depois de muito observar e meditar que eu cheguei à conclusão de que um observador colocado num ângulo especial poderá ter uma visão diferente e nova do Mundo.

Daí a ideia de escrever este opúsculo. Imagine-se um ser dotado da faculdade de raciocínio postado em Sírio e de lá olhando a Terra com

um telescópio poderoso... Que visões terá ele do nosso planeta? Está claro que não poderia ver as criaturas e as coisas da vida como nós, pobres terrenos, as vemos.
Pois eu te vou contar, leitor amigo, o que o meu observador de Sírío viu na Terra (VERISSIMO, 2016, p. 348).

Assim, Clarimundo não escreverá uma obra realista como a de Noel. Isso porque é tão alienado quanto o rapaz, mas não há ninguém em sua vida para trazê-lo à realidade: o professor é um solteirão que cumpre sua rotina religiosamente e evita contato com as pessoas. O mais curioso, no entanto, é que Clarimundo é pobre, vive na mesma rua em que Fernanda, o tuberculoso Maximiliano e João Benévolo – a inspiração para o personagem de Noel. Não consegue, porém, enxergar os dramas dos vizinhos: para ele, se trata apenas de pessoas comuns vivendo rotinas entediantes.

A disjunção, então, adquire outro caráter, porque Clarimundo pertence a uma classe social baixa, mas, ao mesmo tempo, se encontra deslocado nela devido ao seu grau de instrução. Assim, aqueles que estão próximos dele em termos espaciais e financeiros tornam-se distantes, isto é, passam a ser *o outro*. Claro que seus conhecimentos, em tese, não deveriam impedi-lo de enxergar as desigualdades que o cercam, afinal, Fernanda também se formou professora e tem uma consciência aguda da realidade em que vive. No entanto, a diferença é que, além da amiga de Noel ser mais sensível em relação ao outro, ela não se deixou imergir na erudição como Clarimundo. Fernanda, na verdade, não conseguiu efetivamente ser professora, pois, com a morte do pai, teve que abandonar o sonho para arranjar rapidamente um emprego de datilógrafa. A moça precisa ajudar a sustentar a família, e sabe muito mais do que o professor o que são dificuldades financeiras. Além disso, mantém contato efetivo com seus vizinhos e com a realidade que a cerca. Já Clarimundo, ao debruçar-se na janela para contemplar sua rua, “verifica, com divertida surpresa, que continuam a existir os cães e as latas de lixo, apesar de Einstein” (VERISSIMO, 2016, p. 64).

Mesmo quando tem contato com o outro, o professor não consegue perceber a complexidade de algumas situações, principalmente quando diz respeito à relação entre pobreza e educação. Na classe em que leciona, há um aluno que não consegue prestar atenção na aula porque não sabe como irá se virar com as contas no fim do mês, mas Clarimundo jamais descobriria isso, pois está preocupado apenas em transmitir o conteúdo de forma eloquente. Ao receber um rapaz que vem lhe trazer uma encomenda, faz perguntas ao jovem para testar seus conhecimentos sobre a lei da gravidade e se

indigna ao perceber que ele nem sequer sabe o que é isso: o excêntrico professor “simplesmente não pode compreender como as pessoas ignoram as coisas simples como seja o fenômeno que preside a queda dos corpos” (VERISSIMO, 2016, p. 138).

Ainda que pareça exagerado, o personagem serve, junto com outros, para evidenciar uma disjunção também em termos de letramento. E, nesse aspecto, não há simplificações, já que não se trata de uma divisão reducionista entre ricos intelectuais e pobres não letrados. Dodó, esposa de Leitão Leiria, ao dar uma entrevista, afirma que D’Annunzio é músico, sendo corrigida mais tarde pelo marido. João Benévolo, o desempregado quase em situação de miséria, passa seus dias lendo romances de aventura, a despeito da dramática situação em que se encontra. Pedrinho, irmão de Fernanda e aluno de Clarimundo, tem dificuldades até mesmo para pronunciar o nome do tal de Einstein de quem o professor tanto fala. Fernanda, por sua vez, apesar de não ler exatamente todos os livros que Noel, consegue tranquilamente manter uma conversa erudita com o amigo.

O tema da intelectualidade e do letramento, assim, aponta para desníveis *interclasses* e *intraclasses*. E está ligado a outras questões discutidas no livro, o que Lúcia Miguel Pereira ([1935] 1992, p. 105), em uma crítica na época da publicação do romance, não identificou:

Não há heróis em *Caminhos Cruzados*. Todas as figuras têm importância e talvez por isso, embora todas vivam, nenhuma tem grande relevo. Fernanda, a filha da viúva, é a mais cuidada. Ela e Noel, seu noivo – um tipo de recalcado, interessante, mas exagerado – e também o professor Clarimundo são os únicos a terem preocupações intelectuais e morais, a procurarem um sentido para a existência. Os outros são figurantes de comédia humana, sem finalidade; andam para lá e para cá ao léu das necessidades ou do instinto, sem saberem por que nem para que, num verdadeiro movimento browniano. O professor Clarimundo, com suas reminiscências de Paul Valéry e o seu projetado livro sobre a terra vista por um observador de Sirius, que há de descobrir pela perspectiva, a direção de toda essa agitação, parece ser o porta-voz do autor.

Ao dar destaque apenas para as reflexões intelectuais de Noel, Clarimundo e Fernanda, Lúcia Miguel simplificou as relações que são travadas no romance, além de apagar as diferenças entre esses personagens. Afinal, as “preocupações intelectuais” dos três são bem diferentes, assim como o lugar que cada um ocupa no meio intelectual. Noel é um rapaz culto e rico, que pouco convive com a pobreza e tem suas reflexões voltadas

para sua própria vida. Fernanda é a intelectual pobre, que conhece a desigualdade e sempre reflete sobre ela. Clarimundo, por sua vez, é o homem erudito que, mesmo sendo parte de um ambiente pobre, também tem, como Noel, suas reflexões fechadas em si mesmo. Não há como ele ser o “porta voz do autor”, porque, como bem observou Marcos Scheffel (2015, p.81), o professor “está numa espécie de torre de marfim”. Do alto dela, Clarimundo não conseguiria, enquanto escritor, ter a mesma percepção que Erico Verissimo teve das injustiças causadas pelo capitalismo. Mesmo que o narrador do seu romance tudo possa observar, este não enxergará, devido à falta de interesse do professor, os dramas cotidianos dos habitantes da Travessa das Acácias.

A discussão acerca do papel que cada um desses intelectuais ocupa no romance está, assim, estreitamente relacionada com a possibilidade de enxergar o outro, ou seja, de perceber justamente a finalidade que Lúcia Miguel não viu nos outros personagens do romance. Ora, assumir que apenas os personagens intelectuais têm importância na obra é entrar no jogo de Clarimundo, para quem não valeria a pena escrever um livro como *Caminhos Cruzados*. Ademais, não tem como dar destaque para alguns dos personagens e ignorar os outros, como Lúcia Miguel fez, afinal, de um jeito ou de outro, suas vidas estão ligadas, justamente o que torna o romance interessante: Clarimundo é o exigente professor de inglês responsável por ensinar Chinita a falar *hall* com h aspirado. Contribui, assim, mesmo de maneira indireta, para que se aumente a distância entre a moça e mãe, D. Maria Luísa, a qual entende cada vez menos o que a filha fala e, por isso, sente falta da Chinita provinciana.

É por meio de situações como essa, em que um professor pobre e altamente letrado deixa o subúrbio para dar aulas a uma moça do interior que acabou de ficar rica e deseja se modernizar, que vemos como, em *Caminhos Cruzados*, a disjunção perpassa diferentes questões. Os personagens não percebem – e, algumas vezes, os críticos e leitores da obra também – que não se trata apenas do problema socioeconômico: há desníveis e desacordos em termos de letramento, de adesão à modernidade, de capacidade de se comunicar. Várias realidades e pensamentos diferentes se cruzam e convivem o tempo todo, mas isso não significa que haja coesão – a menos que se assuma, no caso da sociedade retratada, que a coesão se encontra justamente na disjunção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, L. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

BORDINI, M. G. Erico Verissimo nos anos 30: o contraponto e a forma da cidade moderna. *Teresa*, São Paulo, n. 16, p. 91-102, jun. 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/115417/113029>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

CANDIDO, A. (1972). Erico Verissimo de trinta a setenta. In: CHAVES, F.L. (org.). *O contador de histórias: 40 anos da vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1978.

_____. A revolução de 1930 e a cultura. In: CANDIDO, A. *A educação pela noite: e outros ensaios*. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1989.

CHAVES, F. L. Observação e expressão da realidade. In: _____ Erico Verissimo: *O escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

PEREIRA, L. M. (1935) Érico Verissimo e a tradução de Huxley. In: _____. *A leitora e seus personagens: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943), e em livros*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992.

OLIVEN, R. G. Cultura e modernidade no Brasil. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n.2, p.3-12, abr. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 dez. 2017.

SCHEFFEL, Marcos. Da janela do Clarimundo: a condição do intelectual em Erico Verissimo. *Teresa*, São Paulo, n. 16, p. 75-90, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/115416>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

SCLIAR, M. Prefácio. In: VERISSIMO, E. *Caminhos Cruzados*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

VERISSIMO, E. (1964). Prefácio do autor. In: _____ *Caminhos Cruzados*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

_____. *Caminhos Cruzados*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.